

7 Considerações Finais

“Enquanto leio meus textos se fazem descobertos. É difícil escondê-los no meio dessas letras. Então me nutro das tetas dos poetas pensados no meu seio”.

(Cesar, 1985, p.92)

A tese, no campo da *psicanálise para as redes vinculares*, foi retomando um legado teórico-clínico, legado que foi revisitado e atualizado para atender às demandas do tempo contemporâneo. Acolhendo transformações teóricas que muitas vezes contradiziam uma herança consolidada, vários psicanalistas fomos vistos, por vezes, como transgressores. Tendo como leme o que chamei de uma *ética de re-existência*, fomos criando, ou tentando criar, mas de forma cuidadosa.

Neste contexto, propus a noção de *redes vinculares* como um ir além das configurações vinculares. As configurações acentuam a estética das novas formas de organização vincular. Já as redes, permitem pensar novas produções em constante movimento, com o registro do tempo em transitoriedade e não basicamente contínuo.

O que denomino de *abordagem psicanalítica para as redes vinculares* resgata as produções francesa e argentina para a genealogia do saber sobre vínculos, fazendo, assim, uma articulação entre ambas e acrescentando novos conceitos, criados a partir da minha experiência clínica, tanto em consultório particular, como em uma comunidade de periferia no Rio de Janeiro.

O encontro teórico dos dois enfoques mantém uma postura e compreensão estruturalista, mas considero que os argentinos explicitam com maior clareza a influência de outros campos de saber, tais como a filosofia, a biologia e a antropologia. Deste modo, vários conceitos passam a exigir novas formulações, ancoradas em metáforas não deterministas e abertas ao imprevisível. Já sobre os autores franceses, posso dizer que lutam para manter a

força do estrutural, mas se percebem tomados pela presença de acontecimentos que se sucedem, abalizando a vida familiar e também “balançando as estruturas”.

Neste enfoque psicanalítico para as redes vinculares, propus ir além do que muitas vezes é vivido como dogma teórico e enquadre único. O propósito foi o de romper um devir-a-ser determinado e normatizado para realizar um devir em constante construção e metamorfose. Acrescentei a uma ordem estrutural, já mais estudada, a ordem do acontecimento, valorizando as transformações que esta impõe à subjetividade e aos vínculos. A metáfora da rede com suas tramas e vazios, recoloca a ordem do acontecimento e da criação como suplemento da ordem estrutural e da repetição.

Revisitando o tema da transmissão psíquica, fui ao encontro de Freud e Winnicott. Na obra freudiana, vimos que o tema da transmissão psíquica tem importantes pontos de apoio na hipótese filogenética e também no estudo de alguns conteúdos que são transmitidos de pai para filho.

A hipótese filogenética foi revitalizada nesta tese como uma “metáfora do arcaico” (Birman, 1993), marco fundante da *pré-história geracional* do sujeito e de suas redes vinculares. Com a noção de herança arcaica, Freud (1937) valorizou a força do patrimônio psíquico herdado, dando um lugar às experiências de gerações anteriores.

Por outro lado, ao afirmar que cabe a cada um criar disposições para as gerações futuras, Freud já dá subsídios à nossa hipótese de que estamos no tempo presente, contribuindo para a construção subjetiva de nossos descendentes. Ele também acenou para a presença do mundo externo, incidindo na subjetividade, mas com valor minimizado ante a força da sexualidade.

Já, ao propor as fantasias originárias (cena primitiva, sedução e castração), Freud nos ofereceu uma importante matéria-prima para a transmissão psíquica, que se dá entre e pelas gerações, integrando o pólo mais primitivo da transmissão e tendo um roteiro grupal.

Nos conteúdos transmitidos de pais para filho, Freud (1914) apresentou o sujeito como elo de uma corrente intersubjetiva que lhe dá acolhida e que, concomitantemente, é transformada pela sua chegada e ação. Considerei, então, que a cadeia paterno-filial tem, como um dos dinamizadores, *um eixo narcísico de transmissão* pelo qual o narcisismo dos pais se mantém presente no ciclo de vida familiar, perpassando as diferentes gerações. Partindo desta premissa, propus acrescentar mais uma ferida narcísica às já apresentadas por Freud (1917): a *ferida genealógica*, que inscreve o desejo do sujeito na cadeia de transmissão psíquica familiar.

Mas, para além da hipótese filogenética e do eixo narcísico de transmissão, podemos valorizar também, no texto freudiano, a rede de identificações, a memória e a repetição, como elementos da transmissão psíquica inconsciente; estes já mais desenvolvidos por Kaës.

Foi também apontado que a noção de intermediário, presente em toda a obra freudiana, foi resgatada por Kaës (1996) que pensou o trauma como resultado do fracasso na função de intermediação, definindo esta função como primordial para a transmissão psíquica.

Já com relação a Winnicott (1975), considerei que ele revitalizou a contribuição freudiana e também a expandiu, visto que valorizou a ordem do incidental, metamorfoseando o que seria estrutural para a cadeia da transmissão psíquica.

Para Winnicott, há uma dependência maior do mundo externo. Este contexto ou realidade social vai também configurando o legado singular a ser transmitido por cada grupo familiar. Não é apenas o funcionamento intrafamiliar que determina, mas também a presença ativa de pais e/ou outros educadores. Concluo, então, que as *redes vinculares de pertença*, tais como amizades e instituições sociais, exercitam, conjuntamente com as *redes vinculares familiares*, a tarefa de transmitir valores pessoais e sociais.

Winnicott preocupa-se com a frustração ou mal-estar decorrente da necessidade de intermediar o mundo interno com o externo, propondo o “espaço potencial” como o lugar de emergência

conjunta e singular do sujeito e da cultura. Com esta colocação revolucionária, ficou embasada a nossa hipótese de que o sujeito é criador do seu mundo e cada época cria uma nova subjetividade.

A capacidade criadora, pessoal e social, foi então resgatada como indispensável na cadeia de transmissão psíquica, sendo que o grupo familiar funcionará como propiciador ou inibidor. Foi visto também que, o criar demanda viver e não apenas sobreviver. Isto fica confirmado na escuta feita, em comunidade favelada (mestre em sobrevivência), através de um grupo de reflexão psicanalítica. Finalmente, ao pensar o espaço cultural como a tessitura grupal que, para além do pessoal, dá continuidade ao humano, Winnicott nos presentia com a “importância vital da provisão ambiental”, recriando a construção subjetiva.

Na construção teórica sobre a transmissão psíquica lembramos que:

“O estudo daquilo que cada dispositivo explora, especificamente, é um programa de pesquisa que ainda é preciso promover. Alguns de nós começaram a se arriscar, mas nada foi ainda publicado.¹ É que o problema é complexo(...) Uma teoria dos processos e das formações psíquicas, que aí se encontram mobilizadas, é necessária para que as observações adquiram sentido”.

(Kaës, 1998, p.10)

A tese reafirma o eixo histórico da transmissão psíquica e avança na teoria, ao aprofundar o eixo dos acontecimentos contemporâneos na construção e transformação do legado familiar e social, a ser transmitido aos descendentes.

Foi recuperado o campo do geracional, do qual os estudos de Abraham & Torok (1995) são considerados precursores. Partindo da colocação de Ferenczi (1932) sobre o trauma, os autores tiveram como preocupação constante compreender as ressonâncias do trauma através das gerações. Definindo o intergeracional e o transgeracional, assim como propondo os conceitos de cripta e

¹ Kaës faz esta colocação mais exatamente em 1997, data em que foi publicado o título original da obra organizada por Eiger: *Lé générationnel. Approche en thérapie familiale psychanalytique*. Paris : Dunod.

fantasma, deixaram um legado teórico, que vem dando sustentação à teoria sobre a transmissão psíquica que os psicanalistas contemporâneos vêm construindo.

Ao revisitar o tema da transmissão psíquica, fui revitalizando o legado em articulação com o meu percurso clínico, tanto em consultório particular como em contexto comunitário. Tendo sustentação na *metapsicologia para as redes vinculares*, a realidade psíquica adquiriu novas significações pela inclusão de significantes vinculares e socioculturais.

Contar com essa bagagem intersubjetiva da transmissão psíquica produziu transformações na clínica, tanto individual como vincular. Ao ter presente a pré-história familiar, foi possível resolver conflitos deflagrados a partir de *acontecimentos biográficos*, transmitidos de uma geração à outra, muitas vezes indizíveis, inomináveis ou impensáveis. Foi visto que a continuidade psíquica entre as gerações possibilita o progresso que se apresenta por epigênese ou neogênese.

Apresentei a força do vínculo conjugal e do vínculo fraterno como transmissores de vida psíquica. O casal foi, então, proposto como fundador de uma rede vincular, compromissada inconscientemente com as famílias de origem, com seus próprios desejos individuais, e também com os acontecimentos do tempo contemporâneo.

Considerei também que o vínculo fraterno se constitui hoje num dos mais ativos transmissores de vida psíquica, apresentando a possibilidade de transformação do legado familiar pela entrada de informações do contexto transubjetivo. Estas informações têm estado, pela porosidade da membrana familiar, cada vez mais presentes na construção subjetiva e das redes vinculares. Ao valorizar a porosidade da membrana familiar e a ordem do acontecimento, considerei, por um lado, a intimidade e os movimentos endogâmicos do grupo familiar, por outro, não abandonei o sentido de coletividade que transforma a subjetividade e os vínculos.

Apresentei o grupo familiar como uma produção social, produção que tem uma história pertencente a um determinado contexto social. O grupo familiar possui valores a serem transmitidos, valores ancorados na interfantasmática familiar e nos vínculos socioculturais, valores estes que podem ser transformados pela inscrição de acontecimentos.

A subjetividade foi pensada como múltipla, com inúmeros pontos de partida, tendo o vínculo mãe-filho como ponto primordial, mas acolhendo outros pontos que, durante toda a vida, chegam como acontecimentos e propiciam metamorfoses subjetivas e vinculares.

Reafirmei, assim, que tanto o sujeito como o grupo familiar são continuamente redefinidos pelas condições de pertença social com seus eixos genealógico e cidadão, sendo revelados nos acontecimentos. Passando a valorizar a ordem do acontecimento na construção subjetiva, foi apresentado um permanente interjogo entre o que se mantém como universal e o que se dá em constante criação.

Tendo como fundamentação teórica os estudos de Badiou (1991) sobre o acontecimento, aprofundei aspectos investigados pela psicanálise das configurações vinculares e avancei nessa pesquisa. Além dos acontecimentos intrasubjetivos, já bem estudados, ampliei para os acontecimentos intersubjetivos e criei hipótese sobre os acontecimentos transubjetivos, propondo que, no mundo contemporâneo, existem acontecimentos com conteúdos coletivos que chegam, de forma singular, ao sujeito e/ou ao grupo familiar, podendo ter um devenir traumático ou criativo. Nem todo acontecimento é um trauma, mas todo trauma é um acontecimento.

A escuta clínica mostrou que os acontecimentos inscrevem-se como biográficos na linha do tempo familiar – seja como crise ou como catástrofe – e que, sendo reconhecidos e elaborados, são transformados em *acontecimentos ressubjetivantes*.

Foi visto que a ressonância psíquica de acontecimentos, que atingem o humano, pode deflagrar o que nomeei *fundo fantasmagórico globalizado* (F.F.G), bolsão de um medo, por vezes inominável, que impõe feridas sociais, mais ou menos silenciosas,

presentes nas gerações atuais e, acredito também, nos seus sucessores. A posição subjetiva diante deste fundo, porém, é singular, própria de cada um, ancorada na sua pré-história e *história geracional*.

Tomando posição junto aos psicanalistas que vão além do trauma, conforme proposto por Freud, evoquei e tive presente a colocação ferenciana de que a dor do tempo presente, por ser atual, é uma dor maior do que a provocada pelo sofrimento do tempo passado.

Chamei de *devenir traumático* aquele que apresenta uma repetição que, de tão compulsiva, é mortífera. Ele transporta impressões que podem bloquear ou romper as redes vinculares, seja pela precariedade psíquica ou de pertença sociofamiliar. Já o *devenir criativo* foi proposto para as possibilidades de transformar ou criar novas subjetividades e redes vinculares.

Entre os *acontecimentos transubjetivos* que se repetem no mundo contemporâneo, apresentei algumas reflexões sobre o desemprego e a violência urbana. Vimos que, na sociedade brasileira, o abismo social, entre quem é reconhecido como consumidor e aquele que é marginalizado, vem contribuindo para o exercício de violência e também para uma crise de valores, que atinge todas as gerações, de forma singular, em cada contexto social.

Ir além da clínica privada permitiu que, pela escuta num grupo de reflexão psicanalítica em comunidade favelada, tivesse maior clareza do impacto da violência e do desemprego nas famílias contemporâneas. Como vimos, estes acontecimentos transubjetivos estão presentes em todas as camadas sociais, mas os pobres e miseráveis têm menos recursos para re-existir a seus efeitos.

Foi proposto que o aumento do desemprego acorda um *fundo fantasmagórico globalizado* nos que desejam integrar a cadeia produtiva e não encontram oportunidades, como também nos que têm trabalho, mas vivem com a ameaça de perdê-lo. É importante considerar a dimensão transubjetiva do desemprego para poder

redimensionar os sentimentos de desamparo, menos valia e culpa, que se albergam no grupo familiar e, especialmente, no desempregado. A escuta analítica é de grande valia para poder discernir que *estar* desempregado é diferente de *ser* desempregado, implicando o sujeito na construção de seu devenir que pode permanecer traumático ou se tornar criativo.

Com relação à violência urbana, foi visto que ela sempre existiu e em todas as classes sociais. Ela não é, como muitos pensam, exclusiva das favelas cariocas. Ela está presente em maior ou menor grau nas famílias e no íntimo de cada um de nós.

Movida pela força do desamparo social, valorizei uma escuta da *violência concreta*, presente em todos os contextos sociais, mas escancaradamente exposta e vivenciada nas favelas. Na escuta dessa violência, o *grupo de reflexão psicanalítica*, na própria comunidade, foi apresentado como um método com bons efeitos terapêuticos e propiciadores de transformação. Nas comunidades pobres, a falta de investimento público na saúde e na educação faz com que o grupo em questão seja vivenciado como “a terapia” e como espaço de transmissão e aprendizagem.

Com relação à violência em si, simbólica ou concreta, e a todo e qualquer ataque ao que faz o humano (reconhecimento, dignidade, cidadania, solidariedade), considere que não é apenas o trabalho de elaboração do traumático que é importante. Segundo Benghozi (1994), há instâncias institucionais que funcionam como lei e podem dizer “isso nunca mais”. Atuam, então, como terceiro na ordem pública, reconhecendo que há uma violência excessiva e, deste modo, lhe impõem fronteiras.

Mesmo tendo havido toda uma evolução no posicionamento de cuidado por parte das instituições sociais brasileiras, ainda percebe-se a falta de confiança nessas *redes vinculares de pertença*. Isto justifica a fala de Célia no grupo de reflexão:

“Agora tá todo mundo violento. Não é o mundo que se acaba são as pessoas que se acabam. Como é que vai ser daqui pra frente? A

gente só vai durar uns 10 – 15 anos, mas o que vai ser das crianças daqui pra frente? É doença, fome... o homem destrói tudo. Aí eu fico pensando assim, quanta destruição. Se é assim agora, imagina mais tarde.”

No contexto das populações faveladas, existe uma demanda ainda maior de um posicionamento das instituições sociais sobre as diversas manifestações de violência. Acredito que, contando com o reconhecimento destas instituições, saindo da negação, dar-se-á uma metamorfose positiva na subjetividade e nas redes vinculares estabelecidas.

É importante que o sujeito e as famílias saibam que podem contar com algum amparo social institucionalizado. Este posicionamento poderá propiciar um limite concreto aos excessos violentos e à impunidade, para que seja possível metamorfosear não só a fala de Célia no grupo como também a construção subjetiva e dos vínculos de cada um.

Utilizando-me de uma *escuta globolocalizada*, fui considerando algumas das características do mundo ocidental contemporâneo e também algumas das especificidades da sociedade brasileira com suas marcadas diferenças sociais. Tendo presente este nosso contexto e baseada no que os estudos sobre a transmissão psíquica do negativo e da violência das gerações passadas para as atuais nos oferecem, foi feita a hipótese de que os acontecimentos contemporâneos, com lugar especial aos transsubjetivos, chegam ao grupo familiar como “invasões bárbaras” que, em maior ou menor grau, mudam, transformam ou esfacelam os valores familiares. Deste modo, o legado familiar, a ser transmitido às gerações futuras, ficará regido, predominantemente, pelos valores de violência ou de paz que são hoje vigentes.

“Paz é mais que a ausência de guerra e violência. É uma construção coletiva que envolve a afirmação de valores e regras, estilos e estéticas, códigos, posturas e linguagens. Paz é um empreendimento social, ético e político, que resulta da criação e do enraizamento inconsciente e afetivo de uma cultura particular. Paz, como a violência, se aprende e se ensina, se difunde ou se inibe, se estimula e ou se desqualifica.”

(Soares, 2003, p.6)

Violência e paz coexistem como partes de um mosaico íntimo, privado e público. Todo sujeito é co-autor na construção dos mundos íntimo, privado e público e contribui para a transmissão psíquica desses mundos, legados aos descendentes nascidos ou por nascer.

Isto foi trabalhado na tese em dois contextos diferentes: a clínica privada, individual, com casais e famílias, escutando, preferencialmente, a transmissão psíquica geracional; e a clínica comunitária, através de um grupo de reflexão psicanalítica, colocando, em primeiro plano, a transmissão psíquica transubjetiva.

Referendada, então, pelo exercício da clínica individual, familiar e comunitária, passei a pensar novas possibilidades de escuta. Considerei a riqueza da *escuta globolocalizada* de um *campo multicontextual complexo*, campo este de construção mútua e constante, no qual a escuta de uma das dimensões do espaço psíquico traz o imperativo de escutar as outras dimensões que formam a rede.

Na clínica, foi valorizada a transferência como acontecimento intersubjetivo que atualiza e transforma o legado familiar, mas a transferência, assim como a subjetividade em si, foi abordada sempre precedida por uma pré-história que se constrói, ancorada na forma como cada um é apresentado pela fala que o antecede.

Vimos, também, que a contratransferência deflagra, no analista, a ressonância psíquica para com o negativo da transmissão psíquica, com seus segredos e conteúdos indizíveis. A contratransferência foi proposta, então, como reveladora de *acontecimentos biográficos*, ainda silenciados na narrativa familiar.

Na articulação da ordem estrutural com a ordem do acontecimento, alertei para a importância de considerar não só o que se *representa* (tempo de reencontro) como material inconsciente, mas também o que se *apresenta* (tempo de encontro) como conteúdo possível de vir a formar inconsciente.

Considerei que, num primeiro tempo do trabalho analítico, exige-se acolher e sustentar um vazio que não pode ser camuflado e

que, para isto, tanto o paciente (seja individual ou multipessoal) como o analista precisam-se expor aos efeitos do novo que o acontecimento apresenta. Inicia-se, assim, o segundo tempo, tempo de ruptura e instalação de um novo saber que demandará “fidelidade” (Badiou, 1998).

Foi visto que, por vezes, indo além do que se considera a “história oficial”, familiar ou comunitária, ficará exposto o vazio de significações. A escuta psicanalítica, do que é transmitido pela família e também pelo contexto social mais amplo, torna-se uma possibilidade valiosa de metamorfose individual, familiar e comunitária.

Constatou-se que flexibilizar o enquadre não só não compromete como, muitas vezes, propicia a escuta psicanalítica do legado sociofamiliar. Na clínica, a *escuta globolocalizada* confirmou: algo da ordem estrutural no humano que promove os processo psíquicos – como as travessias dos complexos de Édipo e de castração; e também alertou para a ordem do acontecimento, que diz respeito ao que irrompe, criando e transformando as possibilidades de subjetivação e de humanização em cada contexto. Articulando a ordem estrutural com a do acontecimento, viu-se emergir, de forma singular, o protagonismo individual e coletivo e produzir um potencial criador na repetição. Paradoxalmente, cada um pertence obrigatoriamente a uma cadeia de transmissão e vai escolhendo a sua forma de pertencimento. No dizer de Kaës (2002), o reconhecimento da ordem do desejo não é idêntico ao da ordem das causas.

Na escuta psicanalítica do legado transmitido, propus o *espaço clínico* como uma produção winnicottiana, já que ele se configura como o espaço de criação, em que se sobrepõem e se discriminam as realidades psíquica, vincular e social, no qual as *redes vinculares* se organizam, respondendo a parâmetros de repetição e transformação.

Ao procurar os significantes dos conteúdos da transmissão psíquica, principalmente daqueles “objetos brutos” (Granjon, 1994)

que transgeracionalmente invadem a sessão, apresentei o *genograma psicanalítico* como recurso clínico facilitador.

O genograma, construído pelo próprio paciente (individual ou multipessoal), revela participações conhecidas, assim como outras que restaram em segredo na construção do legado, chegando inconscientemente ao grupo familiar atual.

Vimos que, diante do genograma realizado, cada um vai tomando posição como co-autor da transmissão psíquica, deixando vago o lugar de personagem anônimo de uma história que o vitimiza, passando a ocupar o lugar de protagonista. Como acontecimento intersubjetivo, o genograma propicia a retomada da cadeia de transmissão com a pré-história dos ancestrais, a história dos antepassados, e com a que está sendo construída pelos contemporâneos.

Resgatando a rede vincular da transmissão, e tendo sempre como construto teórico a metáfora da rede, passei a pensar a rede vincular familiar em contínuo intercâmbio com as *redes vinculares de pertença*.

As *redes vinculares de pertença*, especialmente a amizade, não substituem a família, mas podem coexistir com ela, dando-lhe um suporte, seja emocional ou material, que lhe permita uma superação solidária dos riscos.

“A amizade constitui uma alternativa às velhas e rígidas formas de relação institucionalizadas, representado igualmente uma saída ao dilema entre uma saturação de relações, surgindo da dinâmica da modernização, e uma solidão ameaçadora.”

(Ortega, 2000 p.56)

Em sintonia com Ortega (2000), proponho pensar uma “nova política da amizade”, colocando um fim ao monopólio do imaginário afetivo, que vê a amizade apenas como ressonância de imagens familiares. Na verdade, as *redes vinculares de amizade* têm uma construção própria, que aposta na experimentação e no jogo como formas de pensamento e de relação.

Acredito que, intensificando as redes de amizade, se pode, muitas vezes, criar movimentos de abertura ao legado familiar e social. Como já foi visto em Winnicott (1975), há experiências culturais favoráveis e desfavoráveis. Quando favoráveis, as redes vinculares permitem ter, como alicerce, um sentimento de confiança em relação aos ganhos da pertença familiar e social. Elas visam respeito à singularidade e à pluralidade como condição de possibilidade de um mundo compartilhado e livre.

Resgatei, então, “a importância vital da provisão ambiental” (Winnicott, 1975), já que as *redes vinculares de pertença* foram representadas como função terapêutica a ser somada à função analítica em si. Como psicanalista que escuta as redes vinculares familiares e de pertença, valorizei o estar disponível para trabalhar em rede, criando uma *rede vincular terapêutica*, quando necessária. Nesta rede, cada campo profissional convocado mantém sua especificidade, mas fica enriquecido e transformado pelos aportes dos outros campos. Alquimia revigorante da rede, singular no plural...

A *rede vincular terapêutica* abala o isolamento do analista e o convoca a compartilhar a sua função de escuta, não só com outros saberes, mas também com as redes vinculares de pertença. A função do analista, de acolhimento e escuta, fica suplementada pela possibilidade de propiciar pontes com outros mundos possíveis. Pensando os mundos possíveis, foi visto que um enfoque de lente fechada, também sobre o familiar em si, fica esgotado para a teoria e clínica da transmissão psíquica. Meu texto mostra que um legado familiar é mais exatamente *sociofamiliar*, por se construir dentro do social e, portanto, não pode ser pinçado dele.

A escuta clínica, pensada em rede, favorece uma postura de “simpatia, empatia e compreensão interna” (Enriquez, 1993) do que se passa no mundo externo, fazendo ressonância psíquica no mundo interno. Pela dimensão social, adquirem-se características específicas e próprias de cada tempo histórico, não só na construção

subjetiva, mas também na configuração das redes vinculares e no exercício da função psicanalítica.

Como psicanalistas, no mundo contemporâneo, temos não só a função de “tratar” uma doença como também o compromisso de “cuidar”, de estabelecer *redes vinculares*, que contribuam para a integração e a diminuição do sofrimento dos que pedem para serem escutados.

Proponho que as universidades e as instituições de formação psicanalítica sejam, cada vez mais, chamadas a estabelecer parcerias com o setor público e o terceiro setor para desenvolverem trabalhos que propiciem o acordar da *inscrição cidadã* e também da *inscrição genealógica*. Reafirmo que os *grupos de reflexão psicanalítica* se configuram como um método de bons resultados e amplo alcance, já que, ao escutar os participantes dos grupos, os benefícios desta escuta têm maior ou menor ressonância nas redes vinculares familiares e comunitárias de cada um.

O texto aposta, a partir da experiência com *grupos de reflexão psicanalítica*, na construção de redes vinculares, predominantemente solidárias, como propiciadores de elaboração psíquica e metamorfose.

A cura ou o tratamento é uma função importante, mas não a única. Pensando o psicanalista como um cuidador da saúde e da qualidade de vida, torna-se necessário valorizar os espaços de escuta para além do intrafamiliar, escuta das *redes vinculares de pertença* familiar, grupal, comunitária e social.

Através desta escuta ampliada, é possível, muitas vezes, contribuir para o esclarecimento e a preparação das famílias e casais, no que se refere às suas funções, seus valores e suas disfunções nas redes vinculares. Quantas vezes o casal ou a família, que são escutados e constroem um saber vincular, percebem o valor desta construção e dizem: “nós precisávamos deste saber antes de casar”.

É importante que a escuta faça o depósito, o acolhimento e a elaboração do sofrimento, construído na cadeia de transmissão

psíquica, mas que tenha espaço, igualmente, para os processos de restauração e construção transformadora.

“O psicanalista clínico tem um compromisso real com a expansão inconsciente, inseparável da expansão da existência: se ambas não existem, concomitantemente, produz-se um regime conservador da Psicanálise.”

(Katz, 2002 – edição eletrônica, sem paginação)

Cada vez mais, para arrebentar as amarras conservadoras do sofrimento psíquico, o psicanalista é chamado a ter presente, na sua escuta, as diversas facetas do humano: psíquica, corporal, mental, social e espiritual ou noológica, assim nomeada por Frankel (1986). Estando atento a estas diversas dimensões, proporcionar-se-á uma escuta para a sede de sentido da vida, tão intensa no mundo atual.

Finalizando, esclareço que compreender os conflitos que se criam, entre e nas inúmeras redes vinculares, demanda um olhar atento à construção subjetiva que é *múltipla*, com uma *escuta plural*, na qual, a todo tempo, valorizam-se a produção subjetiva e vincular, em constante movimento, pela articulação das dimensões intrasubjetiva, intersubjetiva e transubjetiva.

Saindo, então, de uma ótica individualista, em que cada um permanece fixado no seu próprio eu, considere que o trabalho psicanalítico fica enriquecido e suplementado pelos aportes das *redes vinculares* estabelecidas, redes estas que apontam para uma *ética de re-existência*. Esta *ética* fala de uma posituação da resistência ao que existe como saber dogmático e universal, seja este saber individual, familiar, institucional ou social, o qual vem sendo transmitido. Deve-se, por esta *ética*, pensar as redes vinculares, familiares ou sociais como relações entre mundos possíveis e não fechados. É importante lembrar que, num mundo onde há um desejo de eliminar o sofrimento, são os conflitos entre os mundos possíveis que nos propiciam re-afirmar a re-existência. Estes acontecimentos irrompem na nossa vida, como foi proposto, e poderão ter um devenir traumático ou criativo. Há, então, uma

produção de subjetividade e de vínculos que bebe na fonte dos acontecimentos, provocando metamorfoses na transmissão.

Ante o constante movimento na construção e transmissão do legado sociofamiliar, a psicanálise é convocada, como diz Derrida (2002)², a fazer a prova do temor: não ter medo de ter medo.

² Colocação pessoal.